**Editor:** Carlos Alexandre de Souza
*carlosalexandre.df@dabr.com.br*
**3214-1292** / 1104 (Brasil/Política)

**IGUALDADE DE GÊNERO**

# Mulheres enfrentam sexismo na ciência

Embora maioria nos cursos de pós-graduação, presença feminina ainda é minoria nas áreas de pesquisa

» ÂNDREA MALCHER

O cenário da ciência no país vem sendo ocupado majoritariamente por mulheres. Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2021, 54% dos estudantes em cursos de pós-graduação stricto sensu são mulheres. Dos 405 mil alunos de mestrado e doutorado no Brasil, 221 mil são mulheres. Também são elas que lideram o número de bolsas no país. Em 2020, as pesquisadoras representavam 58% do total de bolsistas stricto sensu.

"É notável que as mulheres ocupam cada vez mais espaço nas mais variadas áreas do conhecimento, com presença crescente, tanto no ambiente das universidades como no mercado de trabalho", afirma Ana Carolina Monteiro dos Santos de Alcântara, advogada e pesquisadora em religiosidades, relações étnico raciais e intolerâncias, além de mestra pelo Programa de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Entretanto, há obstáculos a vencer. "Apesar da luta histórica, dos avanços já alcançados e dos seus relevantes feitos e descobertas para a humanidade, a presença feminina ainda é minoria nas áreas da pesquisa científica tecnológica", contrapõe.

A experiência feminina em espaços de produção de conhecimento ainda é desafiadora. "Dados da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) revelam que ainda estamos e estaremos nos próximos anos muito atrás dos homens em números absolutos", explica Thérèse Hofmann Gatti, doutora em Desenvolvimento Sustentável e professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (IdA / UnB). "Acredito que o estímulo à pesquisa deve começar ainda no ensino médio", completou.

Em fevereiro, a Unesco divulgou que as mulheres representam 33,3% do total de pesquisadores no mundo e apenas 35% de todos os estudantes das áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) aponta um cenário similar ao da Capes: entre 2020 e 2021, bolsistas de doutorado se dividem meio a meio, 50% são mulheres; já no mestrado, as pesquisadoras correspondem a 52%.

## Visão binária

Para Adelma Pimentel, professora titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), ao refletir sobre a inserção de mulheres na pesquisa científica é necessário, também, analisar o papel de homens brancos, "que delimitam as políticas de financiamento e de temáticas a investigar".

"Esta baliza abre outro desdobramento: o sexismo, ainda presente nas áreas científicas, em que as pesquisas em ciências exatas e tecnológicas têm percentuais de mulheres reduzidos, ante a vigência de uma antiga falácia, oriunda de uma visão epistêmica binária, que separa racionalidade de emoção, associando esta última nuance às mulheres", observa.

A cientista pontua que as diferenças dentro da produção de conhecimento, no âmbito acadêmico, coloca dificuldades ainda maiores quando se fala de mulheres negras ou indígenas. "As transformações no cenário político, econômico e social no mundo estão associadas às lutas de mulheres que integram Universidades, movimentos sociais, com destaque para o das trabalhadoras operárias e das mulheres pretas, com demandas específicas, devido o Brasil ter sido o último país no mundo a abolir a escravidão formalmente. No campo ético, há dissonâncias entre mulheres e entre mulheres e homens, no que se refere ao salário e ao financiamento da pesquisa", destaca.

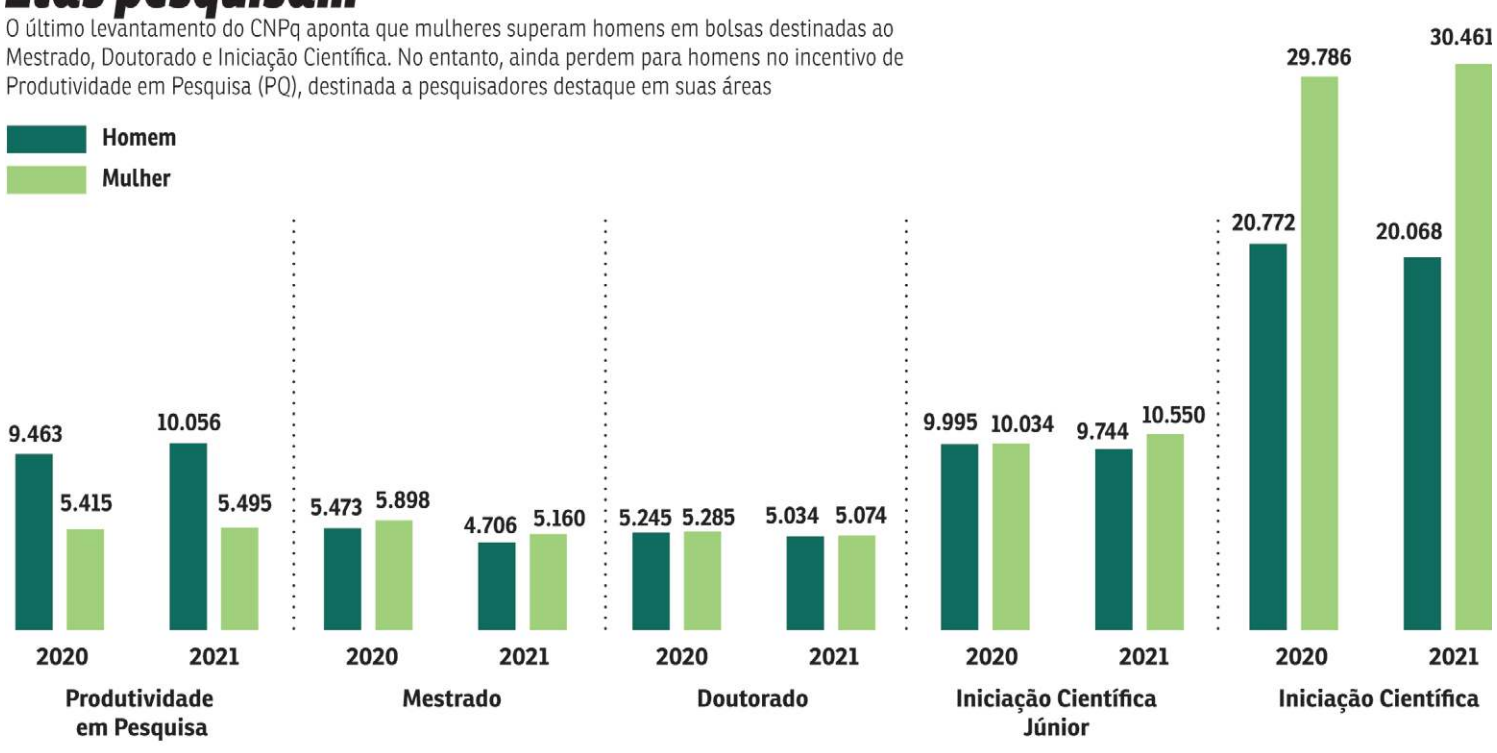
O CNPq indica, ainda, que entre 2020 e 2021, 65% das bolsas de produtividade em pesquisa (PQ), o "mais alto nível do CNPq, destinada a pesquisadores de destaque em suas áreas", como aponta o Conselho, foram concedidas a homens. Dos 35% correspondentes a mulheres que recebem o benefício, somente 7% são negras.

"As mulheres são majoritariamente responsáveis por trabalhos de cuidado não remunerado, reduzindo sua disponibilidade para se dedicarem a sua carreira profissional. Aquelas que optam por serem mães lutam para justificar a queda na produtividade durante a licença maternidade e, com isso, podem ser penalizadas nos editais de fomento. Quando a maternidade vem ainda nos cursos de pós-graduação, o tempo de titulação aumenta", opina Giovanna Alelvan, engenheira e doutora em Geotecnia pela UnB.

## Equidade

Seja a partir do gênero ou da raça, a equidade para as mulheres ainda é um assunto não resolvido. No entanto, Adelma Pimentel garante: a situação já foi pior. "Estou na UFPA, atuando na produção do conhecimento em psicologia, campo das Ciências Humanas. Uma jornada que em 2005 era árdua, muito mais que hoje, em 2023", relembra.

Giovanna Alelvan concorda e acredita que mulheres começam a entender suas potencialidades cada vez mais cedo. "Ainda sou jovem na carreira, mas já posso fazer uma comparação com 10 anos atrás, quando comecei. Temas como esse ainda não eram abordados nos cursos de graduação, local onde estamos incentivando a carreira na ciência. Hoje, na engenharia, já vemos mais mulheres participando em cargos de decisão na universidade, nas cadeiras do bacharelado, recebendo titulações de mestras e doutoras", finaliza.




**Apesar da luta histórica, dos avanços já alcançados e dos seus relevantes feitos e descobertas para a humanidade, a presença feminina ainda é minoria nas áreas da pesquisa científica tecnológica"**

***Ana Carolina de Alcântara,*** *pesquisadora*

**HOMICÍDIO**

# Assassinato por fatia de pizza

» INGRID SOARES

A discussão por uma fatia de pizza foi apontada como a motivação para os disparos que causaram a morte do cinegrafista Thiago Leonel Fernandes da Motta, 40 anos, em um bar na Zona Norte do Rio de Janeiro, após o jogo entre Flamengo e Fluminense, no último sábado.

Além do cinegrafista, Bruno Totini Moura, que acompanhava Thiago no bar, também foi ferido e encaminhado a um hospital, onde segue internado na UTI. O autor foi identificado como Marcelo de Lima, um inspetor da polícia penal que estava de folga.

Segundo o G1, testemunhas afirmaram que Thiago teria pedido um dos últimos pedaços da pizza que estavam em uma estufa. Marcelo teria alegado também ter feito o pedido e tentou pegar um dos pedaços da mão de Thiago. Em meio a confusão, Marcelo teria sido retirado do bar, mas retornou minutos depois e disparou contra o cinegrafista e o amigo. Thiago morreu na hora.

A Delegacia de Homicídios da Capital (DHC) informou que Marcelo foi preso em flagrante por homicídio qualificado por motivo fútil e por tentativa de homicídio. Ele será encaminhado à audiência de custódia e ficará à disposição da Justiça. Em nota, a Secretaria de Administração Penitenciária destacou que "repudia todo ato de violência praticado pelos seus servidores" e acrescentou que "será aberto um Procedimento Disciplinar Administrativo".

Um vídeo que circulou ontem nas redes sociais mostrou o exato momento dos disparos. Segundo relatos, ao menos nove tiros foram ouvidos no bar.

Em nota, o Fluminense se solidarizou com a morte do cinegrafista e afirmou torcer pela recuperação de Bruno, ambos tricolores. "Esperamos que os fatos sejam apurados com rigor e o responsável, punido. Toda a nossa solidariedade aos familiares e amigos das vítimas."

## Repercussão

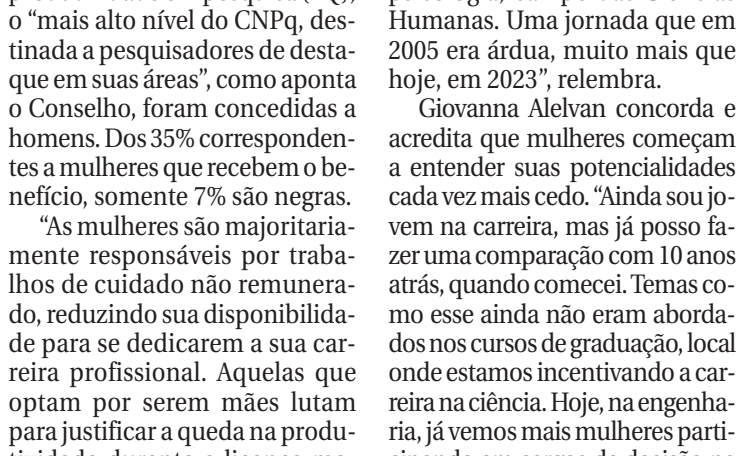
O ator e cantor Lucio Mauro Filho fez um longo relato no Instagram lamentando a morte do cinegrafista. Os dois trabalharam juntos em *A Grande Família*.

A atriz Agatha Moreira também lamentou a tragédia: "Muito triste! Thiago sempre foi muito querido por todos! Que ele descanse em paz!".

A humorista Ingrid Guimarães relembrou o trabalho com Motta. "Nossa, lembro muito dele. Fez *Sob nova direção* com a gente também. Meus sentimentos à família".

Um levantamento divulgado no final de janeiro pelo Instituto Fogo Cruzado apontou que 2.000 pessoas foram baleadas na região do Grande Rio, em 2022. Destas, 984 morreram e 1.016 ficaram feridas.

Reprodução/Instagram/@sambapraroda



**Thiago Leonel também era fotógrafo e diretor de fotografia**

**HABITAÇÃO**

# 4 milhões vivendo em áreas de risco

» ÂNDREA MALCHER
» HENRIQUE LESSA

Chuvas extremas escancaram um problema que se arrasta no Brasil: a falta de habitações adequadas para famílias de baixa renda. Vivendo em áreas de risco, moradores do Acre e do Amazonas são as novas vítimas das enchentes causadas pelas cheias dos rios que cortam a Região Norte do país.

O problema é antigo e, segundo o Mapa da Prevenção de Desastres do Serviço Geológico do Brasil, órgão do Ministério de Minas e Energia (MME), mais de 13 mil áreas são consideradas de risco no país, sendo 4.160 de risco muito alto e 9.498 de risco alto. O levantamento divulgado em março aponta que cerca de 4 milhões de pessoas estão em perigo.

A recorrência de desastres naturais em locais habitados indica a necessidade de maior atenção à questão. Para o deputado Guilherme Boulos (PSOL-SP), é urgente uma política integrada com investimento continuado, que inclua desde ações de curto prazo, como obras de drenagem e sistemas de alertas, a uma política habitacional mais eficiente e célere.

"Pessoas não estão em áreas de risco porque querem, estão por completa falta de opção de moradia. Ninguém acorda de manhã e vai fazer um barraco numa área de risco. E o Brasil ficou os últimos seis anos sem política habitacional. A retomada do Minha Casa Minha Vida precisa acontecer", defendeu o parlamentar, que ressalta a necessidade de prioridade no reassentamento das famílias com indicação para deixar estas áreas.

## Novas casas

No início de março, o ministro das Cidades, Jader Filho, garantiu que o Minha Casa Minha Vida entregará mais de 15 mil unidades até o fim deste ano. No entanto, constam cerca de 186 mil moradias não concluídas na Faixa 1 do programa, com mais de 82 mil aguardando a conclusão das obras. Fazem parte do grupo pessoas com renda mensal de até R$ 2.640, moradores de áreas urbanas e rurais.

Segundo Nilton Lima, coordenador da Comissão de Política Profissional do Conselho dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil (CAU/BR), as políticas habitacionais estão fragmentadas, "desarticuladas de outras já consolidadas como do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) e do SUS (Sistema Único de Saúde), e não há esforço dos governos em garantir o investimento necessário em habitação", salienta.

"Apesar de termos um Plano Nacional de Habitação (Planhab) desde 2009, além de planos estaduais e municipais, na maioria dos municípios brasileiros, as prefeituras não utilizam os diagnósticos e propostas de ações indicadas nos planos para tomada de decisão", pondera o arquiteto.

"As cidades se desenvolveram historicamente nos espaços mais aptos à urbanização. Esses espaços não podem ser adquiridos pela populações vulneráveis. Desta forma, muitas vezes os espaços que ficam 'livres' para ocupação daqueles que não podem pagar por terrenos urbanizados, são aqueles que não deveriam ser ocupados por limitações ambientais, tais como encostas, várzeas, dunas, etc", completa o arquiteto